



Seção Livre

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E MEIO AMBIENTE

por Flávio José Rocha da Silva¹

Resumo: Este artigo reflete sobre a necessidade de diálogo entre a Teologia da Libertação e a temática ambiental, além da urgência da sacralização da natureza. É também uma reflexão sobre a demonização do mundo natural em nome do desenvolvimento da sociedade industrial. Deste modo, ele convida a todas as pessoas que professam uma espiritualidade a refletir sobre a necessidade de conectar as suas crenças com o ato de proteger não apenas os humanos vulneráveis, como profeticamente proclamou a Teologia da Libertação, mas todas as vítimas do capitalismo que não são humanas.

Palavras-chave: Teologia da Libertação, meio ambiente, desenvolvimento, sacralização.

Abstract: This article reflects about the necessity of dialogue in between the Liberation Theology and the environment theme, besides the urgency of the sacralization of nature. It also reflects about the demonization of the natural world in the name of the development in the industrial society. Therefore, it calls all people who profess a spirituality to reflect about the necessity to link their believes with the act of protecting not only the vulnerable humans, as propheticly proclaimed Liberation Theology, but all the victims of capitalism that are not humans.

Keywords: Liberation Theology, Environment, Development, Sacralization.

¹ Flávio José Rocha da Silva é mestre em Espiritualidade da Criação pela *Naropa University*, EUA, e em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal da Paraíba. É autor de *Dom Helder Câmara: meditações pela integridade da criação* (Sal da Terra, 2008). E-mail: flaviojoserocha@gmail.com.



Introdução

A crise ambiental emparedou vários campos do conhecimento humano. A ciência passa por grandes questionamentos e transformações, a educação tenta incluir em seus currículos a ecologia e a economia capitalista moderna é apontada como a grande vilã por seu incentivo ao consumismo. Mas, e as religiões? Onde estavam as religiões que permitiram que a Criação Divina fosse dilapidada e explorada sem piedade? Quando e o que aconteceu que a grande maioria das religiões adormeceu para o sentido maior de uma crença que é (deveria ser) a Integridade da Criação? Quais os (des)caminhos que levaram a esta ruptura?

É sabido que para destruir algo ou alguém é preciso demonizá-lo. Exemplos não nos faltam ao longo da história dos oprimidos: mulheres, povos estrangeiros, homossexuais, indígenas, etc., foram diminuídos para que a dominação sobre estes grupos fosse consolidada. Não foi diferente com o mundo natural. A floresta é “perigosa”, os animais são “selvagens e peçonhentos”, a erva é “daninha”, o mar “avança e destrói”. A linguagem é utilizada para facilitar a comercialização da vida. Se o que é mal deve ser extinto, é aceitável que a natureza “selvagem” possa ser explorada sem piedade.

A estes atos podemos chamar de dessacralização. Para destruir, transformar algo em uma mercadoria, para poder manipular a vida livremente (transgênicos, biologia sintética), é preciso substituir a percepção da sacralidade sobre o objeto desejado por uma outra.

Assim será mais fácil fazer as mudanças para o chamado crescimento da sociedade industrial. É aí que entram as religiões. Algumas, de forma paradoxal, abençoam a dessacralização porque interessa a alguns de seus chefes que apenas o templo seja sagrado. Se apenas o templo é sagrado, o que está ao seu redor não merece o mesmo respeito. Mais, o culto restringe-se ao interior do templo e a quem o comanda.

Aqui é interessante ressaltar que místicos e místicas não encontram entre as estruturas físicas das igrejas, ou pelo menos não são estas as protagonistas dos temas de suas reflexões, os seus momentos de união com a Divina Sabedoria. Sempre foi o mundo natural a ponte para este encontro. Jesus foi pouco ao templo e nunca teve uma relação fácil com os seus chefes quando das suas visitas às “Casas de Oração”. Muitas das Boas Novas foram partilhadas no lago, na montanha, no deserto, na fonte, etc.

A dessacralização da natureza também foi essencial para a exploração dos nossos recursos naturais. Para destruir as florestas de pau-brasil e colorir as roupas dos europeus “nobres”, arrancar o nosso ouro para ornamentar as igrejas da Europa e abusar de todas as maneiras possíveis dos indígenas que aqui estavam, foram criadas várias formas de abençoar estes atos pelas religiões. Justificava-se com a famosa frase: “os indígenas não têm alma”. Este processo evoluiu de tal forma em nossos dias que atingiu até mesmo a água, fonte essencial para todas as formas de vida deste planeta e símbolo de entrega a uma crença através do batismo. Se antes a água tinha



grande valor de uso, mas não de troca, agora tal afirmação já não é mais verdade (a água já figura em algumas bolsas de valores como *commodity*²). Agora tudo tem um valor monetário, um preço a ser pago e deve gerar lucro.

Desenvolver ou desequilibrar?

O geógrafo Carlos Walter Porto-Gonçalves (2004) aponta outra face do crescimento econômico. Ele reflete sobre a palavra desenvolvimento. Para algumas pessoas, melhorar o mundo é trazer o des-envolvimento, é não mais envolver-se, é o não envolvimento. Assim é possível destruir sem culpa, desmatar sem dor, violentar e sentir prazer. Se dessacralizo, eu não estou mais envolvido, logo passo a não enxergar o que está ao meu lado como parte do meu ser. Sacralizar, ressalte-se, não é tornar intocável a Criação, mas é cuidar para que ela não entre em desequilíbrio. Não é tornar-se vegetariano por sentir-se obrigado, mas é fazer com que as espécies animais não entrem em extinção por causa de seu consumo exagerado.

A Teologia da Libertação e o meio ambiente

Não é demais lembrar que mesmo na Teologia da Libertação o modelo de des-envolvimento em que vivemos não foi questionado, mas cobrado para que todos a ele tivessem acesso. Não conseguimos, com esta corrente teológica, escapar ao

² *Commodity* é um termo de língua inglesa que, como o seu plural *commodities*, significa mercadoria, é utilizado nas transações comerciais de produtos de origem primária nas bolsas de mercadorias.

antropocentrismo. Não houve uma reflexão (ou esta não foi uma reflexão capilarizada) que o mal feito aos seres humanos pelo capitalismo é também espalhado a todas as outras criaturas (cf. Rocha, 2008). Até mesmo afirma-se que as pessoas ligadas a este pensamento teológico são progressistas (termo que vem de progresso e relacionado a desenvolvimento). Aqui não queremos diminuir esta corrente, mas ressaltar a sua estreiteza em um dado momento histórico. É óbvio que muito devemos a ela e aos que arriscaram a vida por nela acreditarem. Porém, é preciso expandi-la para que continue viva e atraente. É preciso questionar o pensamento teológico de que os humanos estão no topo da Criação de forma independente das outras formas de vida.

Na Teologia da Libertação sonha-se com um mundo socialista, e é sabido que no Socialismo Real o ambiente não foi levado em conta muitas vezes, já que era preciso produzir o máximo possível para competir com o lado do planeta que representava o capital. Essa produção exagerada causou grandes desastres ecológicos: desertificação na China e na antiga União Soviética, monocultura e consequente perda da biodiversidade em Cuba, modelo de transporte poluente, etc.

Nada que não conheçamos tão bem em nosso capitalismo. Cuba, por sinal, exportava grande quantidade de açúcar para a antiga União Soviética, reproduzindo, assim, o modelo do país satélite que produz para a demanda da metrópole, repetindo o que acontece até hoje com os países da periferia com relação aos Estados Unidos,



Japão e Europa. É preciso construir, então, novas formas de Socialismo.

Conclusão

Pois então é chegado um tempo para que as religiões convertam-se, retornem para a causa inicial de seus iniciadores. É preciso re-ligar, religar-se, ligar no sentido de re-conectar não apenas aos outros seres humanos e a Divina Sabedoria, mas também aos não humanos. Sentir-se chamado e chamada a abolir todo o tipo de opressão aos outros seres. A ciência confirma aquilo que os povos das florestas há muito sabiam: tudo está conectado e envolvido por uma teia invisível que rege a dinâmica do Universo (cf. Capra, 1996). Separar a fé da crise ambiental e do sofrimento dos outros seres deste planeta é desmentir que acreditamos no Deus da Vida.

A crise das religiões na atualidade certamente tem relação com este afastamento do sentido do sagrado. Como refletiu o teólogo estadunidense Matthew Fox (1983), é preciso abolir a idéia do pecado original para deixar que a benção original da criação entre em nosso ser e possamos sentir prazer por tudo que está dentro e fora de nossos corpos. Mas também a dor e o sofrimento causados a outros seres vivos por causa da cobiça humana, deve ativar a nossa compaixão. É preciso afirmar em nossas práticas espirituais diárias que o planeta Terra é uma comunidade sagrada (cf. Berry, 2006).

É necessário redimensionar as nossas liturgias se quisermos salvar este planeta. As religiões têm uma forte penetração social

através de seus rituais (rituais estes que se tornam cada vez mais distantes da mística cotidiana). Nossa maneira de cultuar é muito centrada nos seres humanos. Há um medo do mundo fora do templo. Há uma resistência que reflete o temor de perder o poder sobre os fiéis. É certo que, muitas vezes, precisamos de facilitadores e facilitadoras para a nossa busca por Deus, mas nunca quem nos reprema porque “amar a Deus sobre todas as coisas” não é o mesmo que amar a Deus em todas as coisas. Pois como afirmava Dom Helder Câmara: “Tudo tem vida e santidade” (*apud* Rocha, 2008, p. 35).

Referências bibliográficas

BERRY, Thomas. (2006), *Evening Thoughts: reflecting on Earth as a sacred community*. San Francisco: Sierra Club Books.

CAPRA, Fritjof. (1996), *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix.

FOX, Matthew. (1983), *Original blessing: a primer in Creation Spirituality*. Santa Fe: Bear & Company.

PORTO-GONÇAVES, Carlos Walter. (2004), *O desafio ambiental*. Rio de Janeiro: Record.

ROCHA, Flávio. (2008), *Dom Helder Câmara: meditações pela integridade da criação*. João Pessoa: Editora Sal da Terra.